REVISTA TÓPICOS
ISSN 2965-6672 | Qualis A2

EFEITOS PSICOLÓGICOS DA AYAHUASCA EM CONTEXTOS RELIGIOSOS: ENTRE EXPERIÊNCIAS SUBJETIVAS, EVIDÊNCIAS CLÍNICAS E LIMITES DA PESQUISA

PSYCHOLOGICAL EFFECTS OF AYAHUASCA IN RELIGIOUS CONTEXTS: BETWEEN SUBJECTIVE EXPERIENCES, CLINICAL EVIDENCE AND RESEARCH LIMITS

Ciências Humanas, Ciências da Saúde • 24/11/2026

REGISTRO DOI: 10.70773/revistatopicos/795423944

Brainer de Paula Braga[1]

Neire Abreu Mota Porfiro[2]

RESUMO

A ayahuasca, bebida de origem amazônica empregada em diferentes tradições indígenas e religiosas, tem despertado interesse científico por suas repercussões sobre a percepção, a emoção e a saúde mental. Este artigo analisa criticamente os efeitos psicológicos associados ao consumo ritualístico da bebida, considerando a relação entre seus mecanismos neurofarmacológicos, as experiências subjetivas e o contexto sociocultural de uso. Trata-se de uma revisão narrativa crítica de literatura científica e documentos institucionais, desenvolvida a partir da temática e das referências de um projeto acadêmico, com conferência bibliográfica e incorporação de estudos empíricos relevantes. A discussão articula pesquisas experimentais, levantamentos observacionais, revisões farmacológicas e documentos jurídicos. Os achados indicam resultados promissores, particularmente em estudos preliminares sobre sintomas depressivos, mas também evidenciam que apoio comunitário, expectativas, ambiente ritual e processos de significação participam das respostas relatadas. Eventos adversos físicos e psicológicos, dificuldades de controle metodológico e ausência de evidências sobre eficácia em longo prazo impedem generalizações. Conclui-se que a ayahuasca constitui objeto legítimo de investigação interdisciplinar, sem que os resultados disponíveis autorizem caracterizá-la como tratamento comprovado ou substância isenta de riscos.

Palavras-chave: Ayahuasca; Psicologia; Saúde mental; Rituais religiosos; Estados alterados de consciência.

ABSTRACT

Ayahuasca, an Amazonian brew used in Indigenous and religious traditions, has attracted scientific attention because of its effects on

perception, emotion, and mental health. This article critically examines psychological effects associated with ceremonial consumption, addressing neuropharmacological mechanisms, subjective experiences, and the sociocultural setting. A critical narrative review of scientific literature and institutional documents was developed from an academic research project, with bibliographic verification and the inclusion of relevant empirical studies. The discussion brings together experimental research, observational surveys, pharmacological reviews, and legal documents. Findings suggest promising but preliminary outcomes, particularly regarding depressive symptoms, while highlighting the role of community support, expectations, ceremonial setting, and meaning-making in reported experiences. Physical and psychological adverse events, methodological limitations, and insufficient long-term evidence preclude broad causal claims. Ayahuasca therefore deserves interdisciplinary scientific investigation, but current evidence does not establish it as a proven treatment or a risk-free substance.
Keywords: Ayahuasca; Psychology; Mental health; Religious rituals; Altered states of consciousness.

1. INTRODUÇÃO

A ayahuasca ocupa um lugar singular no encontro entre saberes tradicionais amazônicos, práticas religiosas e pesquisas contemporâneas sobre a consciência. Seu consumo não se reduz à ingestão de uma substância psicoativa: nas comunidades que a utilizam ritualmente, a bebida participa de sistemas de valores, experiências de pertencimento e interpretações compartilhadas acerca do sofrimento e da vida espiritual.

Ao mesmo tempo, o interesse da psicologia e das neurociências tem ampliado as investigações sobre alterações perceptivas, processos emocionais e possíveis repercussões para a saúde mental. Essa aproximação exige reconhecer a importância histórica das tradições de uso sem converter suas interpretações em evidências clínicas automáticas.

Preparada, em uma de suas formulações mais conhecidas, pela decocção do cipó Banisteriopsis caapi com folhas de Psychotria viridis, a bebida reúne compostos com ações farmacológicas distintas. Entre eles estão a N,N-dimetiltriptamina (DMT), presente nas folhas, e alcaloides β-carbolínicos, encontrados no cipó. A interação entre esses componentes participa dos efeitos agudos sobre a consciência e a percepção, embora a composição varie conforme o preparo e o material vegetal utilizado (Brito-da-Costa *et al.,* 2020; Egger *et al.,* 2024).

O debate científico atual reúne investigações que procuram responder a questões distintas, embora relacionadas entre si. Investigações clínicas procuram identificar modificações mensuráveis em sintomas psiquiátricos; estudos observacionais examinam relatos de bem-estar e trajetórias pessoais; trabalhos qualitativos descrevem experiências de significado e transformação; pesquisas farmacológicas tentam explicar mecanismos moleculares. Tratar todos esses resultados como se demonstrassem a mesma coisa compromete a precisão da análise. Uma associação entre participação em cerimônias e percepção de melhora, por exemplo, não equivale à comprovação de que a bebida produziu isoladamente aquela mudança.

É nesse encontro entre as experiências religiosas e as evidências científicas que se situa a questão central desta investigação: quais são os efeitos psicológicos associados ao uso ritualístico da ayahuasca em contextos religiosos? A compreensão desse fenômeno exige considerar tanto os possíveis benefícios quanto as reações indesejáveis, sem desconsiderar as condições em que o consumo ocorre. Também requer separar os achados observados em ensaios clínicos, realizados com procedimentos próprios, daqueles registrados em cerimônias religiosas. Embora essas experiências possam dialogar, diferem quanto aos participantes, aos objetivos, ao acompanhamento e às possibilidades de estabelecer relações causais.

O objetivo deste artigo é analisar criticamente os efeitos psicológicos associados ao uso ritualístico da ayahuasca em contextos religiosos, com atenção às dimensões emocionais e cognitivas, aos mecanismos biológicos discutidos na literatura e às condições que influenciam a experiência. Busca-se, ainda, examinar a consistência das alegações terapêuticas e os limites de sua transferência para a prática psicológica. A discussão interessa à psicologia por envolver percepção, memória, elaboração simbólica, regulação emocional, sofrimento psíquico e relações comunitárias, temas que não podem ser explicados exclusivamente pela farmacologia.

A relevância da análise também decorre das controvérsias públicas sobre o uso religioso da bebida. De um lado, organizações e participantes reivindicam o reconhecimento de práticas culturais e espirituais; de outro, profissionais de saúde e órgãos reguladores precisam considerar riscos, interações medicamentosas e a qualidade das evidências disponíveis.

Não se trata de escolher entre uma defesa incondicional e uma rejeição prévia. O desafio científico consiste em compreender o fenômeno, explicitar o alcance das fontes e preservar a distinção entre liberdade religiosa, experiência subjetiva e eficácia terapêutica.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo caracteriza-se como revisão narrativa crítica, de abordagem qualitativa, baseada na leitura e na articulação interpretativa de literatura científica e documentos institucionais. A opção corresponde ao material efetivamente disponível: o projeto de origem apresentava referências, temas de análise e a informação de uma triagem bibliográfica, mas não trazia a relação completa das publicações inicialmente encontradas, os registros das estratégias de busca nem informações suficientes para reconstituir uma seleção sistemática. Por esse motivo, não se atribui ao presente artigo a condição de revisão sistemática e não se apresenta um fluxograma PRISMA ou um número de estudos incluídos como resultado de busca reproduzível.

A elaboração concentrou-se em publicações relacionadas à psicofarmacologia da ayahuasca, aos efeitos psicológicos descritos em estudos clínicos e observacionais, às características do contexto de consumo e aos debates ético-jurídicos. Foram consideradas, prioritariamente, obras divulgadas entre 2020 e 2025, mantendo-se o ensaio clínico de Palhano-Fontes *et al.* (2019) por sua relevância histórica e metodológica. O levantamento foi orientado pelas referências presentes no projeto e complementado pela consulta a registros bibliográficos e textos disponibilizados em bases e páginas institucionais, como PubMed, SciELO, repositórios universitários e órgãos oficiais.

O exame das fontes foi organizado em cinco eixos: composição e mecanismos farmacológicos; experiências emocionais e cognitivas; influência do contexto ritual; efeitos adversos e limitações metodológicas; regulamentação e implicações éticas. Cada publicação foi discutida segundo o tipo de estudo e o alcance das inferências permitidas.

Resultados de cultura celular, por exemplo, foram tratados como dados pré-clínicos, e não como comprovação de benefício psicológico em seres humanos. Da mesma forma, relatos de participantes foram analisados como experiências autorreferidas, sem pressupor equivalência com diagnósticos ou medidas clínicas independentes.

A revisão não realizou metanálise, avaliação padronizada do risco de viés ou busca exaustiva em todas as bases de dados. Também não envolveu recrutamento de participantes, entrevistas ou aplicação de instrumentos psicológicos. Assim, seus resultados constituem uma síntese argumentativa de conhecimentos publicados, e não a apresentação de dados primários. A explicitação desses limites é necessária porque a força de uma conclusão depende tanto da qualidade das pesquisas consultadas quanto da transparência do procedimento adotado para interpretá-las.

3. AYAHUASCA, TRADIÇÕES RELIGIOSAS E EXPERIÊNCIA PSICOLÓGICA

3.1. Uma Prática Que Antecede a Investigação Biomédica

Os usos indígenas da ayahuasca na Amazônia antecedem sua circulação em instituições religiosas urbanas e em centros de pesquisa. Em diferentes tradições, os modos de preparar a bebida,

os conhecimentos sobre as plantas e os sentidos atribuídos à experiência são transmitidos em relações sociais historicamente constituídas.

Essa diversidade impede apresentar a ayahuasca como uma prática cultural homogênea. A descrição de sua composição química pode ser compartilhada por estudos de diferentes áreas, mas não substitui a compreensão de quem utiliza a bebida, em que circunstâncias e com quais referências coletivas.

No Brasil, religiões como o Santo Daime, a Barquinha e a União do Vegetal incorporaram a bebida a formas próprias de organização comunitária. Cantos, ensinamentos, normas de conduta e sentidos de pertencimento variam entre grupos e não devem ser interpretados como etapas equivalentes de um único protocolo terapêutico. O projeto de origem destaca precisamente essa dimensão religiosa. Ao transformá-lo em artigo, torna-se importante evitar que a menção a essas tradições sirva apenas de cenário para uma explicação neuroquímica: a experiência descrita por participantes é também situada culturalmente.

A relevância do contexto aparece de modo especialmente claro quando o sofrimento emocional é narrado em linguagem espiritual.

Termos associados a purificação, aprendizado, reconciliação ou encontro consigo mesmo podem expressar mudanças significativas para os indivíduos, sem corresponder necessariamente a categorias diagnósticas. Há uma diferença entre reconhecer o valor subjetivo de uma vivência e afirmar, a partir dela, a remissão de um transtorno mental. Para a psicologia, essa distinção permite dialogar com os

significados atribuídos pelos participantes sem abandonar critérios científicos de avaliação.

3.2. Expectativas, Ambiente e Vínculos Comunitários

Na literatura sobre psicodélicos, as expressões set e setting designam, respectivamente, disposições individuais — como expectativas, estado emocional e intenções — e características do ambiente em que a experiência ocorre. No uso ritualístico, essas dimensões podem envolver a música, a confiança nos responsáveis pela cerimônia, a presença de outras pessoas, a familiaridade com símbolos e a interpretação coletiva do que foi vivido. Não são elementos acessórios: fazem parte das condições em que os efeitos são experimentados e posteriormente narrados (Perkins *et al.*, 2021).

Um estudo internacional de Perkins *et al.* (2021), baseado em levantamento com 6.877 pessoas que haviam consumido ayahuasca em diferentes contextos, examinou associações entre características dos rituais, apoio recebido, motivações e indicadores de saúde mental e bem-estar. A pesquisa identificou relações relevantes entre aspectos do ambiente e desfechos autorreferidos. Por se tratar de dados observacionais, contudo, o estudo não permite isolar a contribuição farmacológica da bebida nem demonstrar que determinada prática cerimonial produziu, por si só, melhora clínica.

A influência do contexto foi examinada sob outro desenho por Uthaug *et al.* (2021). Em cerimônias realizadas na Europa, 30 participantes experientes receberam ayahuasca ou placebo. Sintomas autorreferidos de depressão, ansiedade e estresse diminuíram após a sessão em ambos os grupos, independentemente da substância administrada, embora uma

medida de empatia emocional apresentasse interação específica com o tratamento. Esse resultado não invalida a possibilidade de efeitos farmacológicos; ele mostra, porém, que expectativas e condições cerimoniais também podem participar de mudanças psicológicas imediatas.

O apoio comunitário pode oferecer espaços de escuta e elaboração de experiências difíceis. Ainda assim, a presença de uma comunidade não garante que todos os participantes estejam preparados para o mesmo tipo de vivência, nem equivale à assistência psicológica profissional.

Diferenças individuais, história de sofrimento, vulnerabilidades clínicas e modo de condução do ritual modificam a relação entre experiência e bem-estar. Uma análise cuidadosa precisa, portanto, compreender o ambiente como fator potencialmente relevante, mas sem transformá-lo em proteção universal.

4. MECANISMOS NEUROFARMACOLÓGICOS E SEUS LIMITES EXPLICATIVOS

A compreensão dos efeitos psicológicos da ayahuasca passa por sua composição farmacológica, mas não se encerra nela. A DMT tem afinidade por receptores serotoninérgicos, especialmente o 5-HT2A, relacionados a modificações da percepção e da experiência consciente. Quando administrada isoladamente por via oral, a substância sofre metabolismo intenso pela monoamina oxidase A (MAO-A). Os alcaloides β-carbolínicos do cipó, entre eles harmina e harmalina, inibem essa enzima e permitem maior disponibilidade oral da DMT (Brito-da-Costa *et al.*, 2020; Egger *et al.*, 2024).

A interação entre substâncias torna inadequado atribuir todos os efeitos da bebida a um único princípio ativo. Além da DMT, componentes como a tetrahidro-harmina apresentam propriedades próprias, e as quantidades de alcaloides podem variar entre preparações. As revisões farmacológicas descrevem mecanismos promissores, mas destacam a complexidade das vias envolvidas. Uma explicação molecular plausível não deve ser convertida automaticamente em afirmação sobre melhora emocional duradoura: são níveis de observação distintos, que exigem procedimentos de investigação também distintos (Rossi *et al.*, 2022).

A literatura explora possíveis relações entre sinalização serotoninérgica, plasticidade sináptica e alterações de estados de consciência. Rossi *et al.* (2022) reúnem evidências pré-clínicas e clínicas sobre vias moleculares potencialmente relacionadas à ação antidepressiva da ayahuasca. O trabalho contribui para formular hipóteses biológicas, porém o conjunto dessas hipóteses ainda não identifica um mecanismo único e suficiente para explicar a variedade de experiências psicológicas. Tampouco demonstra que todos os indivíduos apresentem os mesmos resultados ou que mudanças agudas produzam necessariamente benefícios sustentados.

Egger *et al.* (2024) examinam a DMT e sua potencialização por inibidores da MAO, relacionando achados farmacológicos a investigações neurobiológicas mais amplas. A revisão chama atenção para a importância das combinações químicas e dos diferentes desenhos experimentais. Isso é especialmente relevante quando resultados obtidos com DMT isolada, preparações sintéticas ou formulações distintas são utilizados para interpretar a bebida tradicional. As condições não são intercambiáveis, e a generalização

requer cautela sobre dose, via de administração, duração de exposição e características dos participantes.

Pesquisas sobre atividade cerebral também procuram caracterizar alterações na organização de redes funcionais durante estados modificados de consciência. Viol *et al.* (2021) apresentam contribuições da física estatística e da teoria de redes complexas para o estudo de psicodélicos. A conectividade funcional pode oferecer indicadores da dinâmica cerebral associada a esses estados, mas não constitui medida direta de cura, autoconhecimento ou eficácia terapêutica. Interpretar uma imagem cerebral como prova de transformação psíquica duradoura seria extrapolar o que esse tipo de evidência permite afirmar.

Um exemplo da necessidade de distinguir níveis de evidência aparece em Katchborian-Neto *et al.* (2020). Os autores examinaram amostras de ayahuasca, extratos e alcaloides em modelo celular de neurodegeneração associado à doença de Parkinson. Os resultados apontaram potencial neuroprotetor em condições experimentais específicas e mostraram diferenças entre os compostos testados. Embora sejam relevantes para novas hipóteses, esses dados não comprovam prevenção ou tratamento da doença em pessoas, nem oferecem evidência direta sobre efeitos psicológicos do consumo religioso.

Há, portanto, uma relação de complementaridade, e não de identidade, entre neurofarmacologia e psicologia. Os mecanismos químicos ajudam a esclarecer condições materiais para as alterações perceptivas; a investigação psicológica considera como elas são percebidas, nomeadas, lembradas e integradas às trajetórias de vida.

O significado atribuído a uma experiência não é uma propriedade exclusiva de receptores neuronais. Reduzir o ritual a uma sequência de reações bioquímicas invisibiliza elementos culturais; desconsiderar a farmacologia, por sua vez, dificulta avaliar riscos e interações clinicamente relevantes.

5. EFEITOS PSICOLÓGICOS: RESULTADOS PROMISSORES E INTERPRETAÇÕES POSSÍVEIS

5.1. Sintomas Depressivos e Evidências Clínicas

O possível efeito antidepressivo da ayahuasca constitui um dos temas mais investigados. Em um ensaio clínico randomizado, duplo-cego e controlado por placebo, Palhano-Fontes *et al.* (2019) avaliaram 29 participantes com depressão resistente ao tratamento. Após uma única administração em ambiente clínico, o grupo que recebeu ayahuasca apresentou escores inferiores aos do grupo placebo em avaliações realizadas até o sétimo dia, com diferença estatisticamente significativa nas medidas relatadas. A pesquisa oferece evidência experimental relevante, sobretudo por incluir um grupo de comparação.

Apesar da importância do resultado, a amostra reduzida e o acompanhamento curto limitam conclusões sobre duração do efeito, segurança em longo prazo e aplicabilidade fora das condições do estudo. O ensaio não investigou cerimônias religiosas como intervenção terapêutica e, portanto, não autoriza afirmar que rituais produzam o mesmo desfecho clínico. Essa distinção é central para responder ao problema do presente artigo: resultados positivos em pacientes avaliados clinicamente sugerem potencial de

investigação, mas não equivalem à comprovação de eficácia em qualquer contexto de consumo.

Rossi *et al.* (2022) discutem mecanismos que poderiam contribuir para respostas antidepressivas rápidas, articulando alterações na neurotransmissão e hipóteses relativas à plasticidade neural. O valor dessa revisão está em reunir caminhos investigativos, e não em estabelecer indicação clínica definitiva. A passagem da plausibilidade farmacológica para o uso em saúde mental depende de novas pesquisas controladas, amostras mais amplas, acompanhamento prolongado e análise cuidadosa de efeitos adversos. Sem esse percurso, o adjetivo “terapêutico” corre o risco de funcionar como promessa mais ampla do que a evidência sustenta.

Nos contextos naturalísticos, participantes também relatam diminuição de sofrimento, melhora do humor e mudanças na forma de enfrentar dificuldades. Essas informações são relevantes para compreender a experiência vivida, embora estejam sujeitas a recordação seletiva, expectativas positivas, diferenças entre os grupos e ausência de comparação com pessoas que não consumiram a bebida. É necessário distinguir melhora percebida, variação de sintomas em escalas e diagnóstico clínico. São indicadores relacionados, mas não equivalentes, e a escolha de um deles modifica a interpretação dos resultados.

5.2. Regulação Emocional, Memória e Autoconhecimento

A experiência ritualística pode mobilizar emoções intensas e recordações que o participante interpreta como importantes para sua história. Algumas narrativas descrevem reconciliação com

acontecimentos anteriores, percepção de conflitos pessoais ou maior disposição para modificar hábitos.

Esses relatos ajudam a entender por que a vivência pode adquirir valor subjetivo duradouro. Entretanto, a intensidade emocional de uma cerimônia não demonstra, por si, que houve elaboração psicológica estável. A avaliação dessa hipótese exige observar o cotidiano posterior, as relações interpessoais e a persistência das mudanças descritas.

A regulação emocional envolve processos de reconhecimento, modulação e expressão das emoções diante de situações concretas. Em relatos de consumo ritualístico, experiências de acolhimento e reflexão podem ser percebidas como facilitadoras desses processos, mas a associação não esclarece como cada componente contribuiu para o resultado. A bebida, a intenção prévia do participante, o apoio social e experiências de vida anteriores podem atuar conjuntamente. Por isso, analisar a regulação emocional apenas como consequência neuroquímica simplificaria um fenômeno que envolve aprendizagem e relações sociais.

Olivieri (2024) desenvolve, em dissertação acadêmica, uma leitura psicanalítica das chamadas mirações, experiências visuais descritas em determinados contextos de uso da ayahuasca. A aproximação proposta com os sonhos enfatiza possibilidades de elaboração simbólica e de transformação da experiência em linguagem.

Trata-se de uma contribuição teórico-interpretativa, distinta de um ensaio clínico. Seu interesse para a psicologia reside na atenção à narrativa e aos sentidos atribuídos pelo sujeito; sua utilização não pode servir como comprovação de que as mirações expressem

necessariamente conteúdos inconscientes ou produzam benefícios terapêuticos mensuráveis.

Em uma mesma cerimônia, imagens, emoções e lembranças podem adquirir significados bastante diferentes. Uma experiência interpretada como esclarecedora por determinada pessoa pode ser vivida por outra como angustiante, confusa ou ameaçadora. A linguagem do autoconhecimento, embora frequente em relatos positivos, não substitui a avaliação de sofrimento e de prejuízos posteriores. O cuidado com essa diferença evita romantizar estados alterados de consciência e permite reconhecer que processos subjetivos intensos podem demandar acompanhamento apropriado.

As expectativas sobre cura, transformação ou pertencimento também merecem análise. Alguém que procura o ritual após um período de sofrimento pode interpretar mudanças pequenas como sinal de recomeço, especialmente quando encontra acolhimento em uma comunidade. Isso não desqualifica o significado da experiência, mas orienta a leitura científica: o próprio contexto pode modificar o modo como sentimentos são percebidos e relatados. A investigação psicológica se fortalece quando trata esses processos como dimensões constitutivas da experiência, e não como “ruído” a ser ignorado.

5.3. Cognição e Alterações Perceptivas

Os efeitos agudos da ayahuasca podem envolver modificações da percepção visual, da atenção, da vivência do tempo e da interpretação de estímulos internos e externos. Tais mudanças são parte da experiência psicodélica, mas não devem ser confundidas

diretamente com aprimoramento cognitivo. Uma alteração intensa do fluxo de pensamento não demonstra, por si, ganho de memória, capacidade de planejamento ou desempenho intelectual. Para sustentar afirmações dessa natureza, seriam necessárias medidas específicas, aplicadas com comparação adequada e acompanhamento temporal.

A literatura sobre conectividade cerebral e estados alterados contribui para compreender a complexidade dessas experiências, porém a correspondência entre indicadores neurofisiológicos e mudanças psicológicas ainda demanda investigação. Viol *et al.* (2021) oferecem instrumentos conceituais para essa discussão, sem reduzir subjetividade a um único padrão de rede neural. A leitura mais consistente é reconhecer possíveis relações entre mecanismos biológicos e fenômenos perceptivos, mantendo em aberto as questões sobre função cognitiva, diferenças individuais e consequências posteriores ao consumo.

A noção de insight ocupa espaço importante nos relatos de participantes. Em psicologia, contudo, perceber algo como revelador não assegura que a interpretação seja exata ou se traduza em mudança comportamental.

Uma compreensão vivida como profunda pode ser seguida de reorganização efetiva de atitudes, mas também pode permanecer restrita ao momento da cerimônia. Pesquisas longitudinais capazes de confrontar avaliações imediatas e desfechos posteriores são necessárias para esclarecer essa diferença, especialmente quando se pretende relacionar a experiência à saúde mental.

6. EVENTOS ADVERSOS, VULNERABILIDADES E RESPONSABILIDADE CLÍNICA

A discussão sobre benefícios psicológicos precisa caminhar junto à consideração dos efeitos indesejáveis. Náuseas, vômitos e outras alterações físicas são descritos na literatura, assim como experiências de medo, confusão, ansiedade intensa e dificuldades emocionais após o consumo.

A maneira como essas ocorrências são interpretadas varia culturalmente: em alguns grupos, manifestações físicas são incluídas no sentido espiritual do ritual. Entretanto, uma interpretação religiosa não elimina a necessidade de avaliar repercussões sobre a saúde, sobretudo quando há sinais de sofrimento persistente.

Bouso *et al.* (2022) analisaram dados de 10.836 participantes de uma pesquisa internacional on-line sobre o consumo de ayahuasca. Aproximadamente 69,9% relataram efeitos físicos adversos agudos, principalmente vômitos, e 2,3% informaram necessidade de atendimento médico posterior. Efeitos desfavoráveis sobre a saúde mental, nas semanas ou nos meses seguintes, foram mencionados por 55,9% dos respondentes; muitos deles interpretaram essas dificuldades como parte de um processo positivo de crescimento ou integração. Os percentuais descrevem respostas de uma amostra autoselecionada e não devem ser extrapolados como incidência populacional.

Esse estudo contribui para afastar duas interpretações extremas: a de que o consumo seria invariavelmente perigoso e a de que seria desprovido de riscos. A frequência de experiências desafiadoras

mostra a importância de reconhecer a heterogeneidade das respostas. Ao mesmo tempo, a própria pesquisa aponta limitações de dados autorreferidos e diferenças entre contextos de consumo. A menor associação de alguns efeitos negativos com ambientes religiosos é um resultado observacional, que não comprova proteção absoluta para todos os participantes (Bouso *et al.*, 2022).

As propriedades farmacológicas da bebida exigem atenção especial a interações com medicamentos e a condições clínicas preexistentes. Por envolver alcaloides que interferem na monoamina oxidase e na neurotransmissão serotoninérgica, a ayahuasca não pode ser tratada como substância inerte. Brito-da-Costa *et al.* (2020) discutem a toxicocinética e a toxicodinâmica de seus principais compostos, oferecendo fundamentos para compreender a necessidade de avaliação individual. É inadequado deduzir segurança universal a partir de estudos com voluntários selecionados ou do uso continuado em determinadas comunidades.

Do ponto de vista psicológico, vulnerabilidades podem incluir histórico de transtornos psiquiátricos, experiências traumáticas, sofrimento emocional intenso e uso concomitante de medicamentos. O risco não se distribui de maneira uniforme. Um ambiente organizado e a presença de responsáveis podem favorecer formas de acolhimento, mas não substituem recursos de urgência, avaliação profissional ou acompanhamento quando necessários. Tampouco é possível pressupor que pessoas em sofrimento encontrarão alívio por participarem de um ritual.

Deve-se evitar, portanto, recomendar a ayahuasca como alternativa autônoma a tratamentos de eficácia estabelecida. O reconhecimento de resultados preliminares em depressão resistente

não equivale a uma autorização para interromper psicoterapia, acompanhamento médico ou medicação.

O papel responsável da psicologia é produzir conhecimento, acolher relatos sem julgamentos prévios, identificar sinais de risco e distinguir intervenções investigacionais de práticas de cuidado reconhecidas. Essa postura preserva simultaneamente a autonomia dos sujeitos e as obrigações éticas dos profissionais.

7. REGULAMENTAÇÃO, LIBERDADE RELIGIOSA E DEBATE CIENTÍFICO

A controvérsia sobre a ayahuasca envolve dimensões jurídicas que não podem ser confundidas com avaliações clínicas. No Brasil, a Resolução n. 1, de 25 de janeiro de 2010, do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD), estabelece orientações e princípios deontológicos relacionados ao uso religioso da bebida. Esse reconhecimento normativo situa a prática no campo da liberdade religiosa e das responsabilidades associadas a seu exercício. Não corresponde, entretanto, à aprovação da ayahuasca como medicamento nem representa declaração de ausência de efeitos adversos.

Nos Estados Unidos, o caso Gonzales v. O Centro Espírita Beneficente União do Vegetal foi decidido pela Suprema Corte em 21 de fevereiro de 2006. O julgamento tratou da aplicação da legislação federal e das garantias relacionadas ao exercício da religião em um conflito envolvendo o uso sacramental de hoasca. A decisão possui relevância para a discussão sobre liberdade religiosa e justificação de restrições estatais. Seria incorreto interpretá-la como comprovação

científica geral de segurança farmacológica, pois decisões jurídicas e estudos biomédicos respondem a questões distintas.

Labate *et al.* (2024) apresentam uma análise crítica de um relatório da agência norte-americana Drug Enforcement Administration (DEA), questionando a seleção e o tratamento das evidências utilizadas para avaliar riscos. A contribuição do artigo é evidenciar como disputas regulatórias podem envolver divergências sobre interpretação científica, critérios de prova e direitos religiosos. A análise merece consideração, mas não elimina a obrigação de examinar pesquisas que documentam eventos adversos. Questionar políticas proibicionistas e investigar riscos concretos não são posições necessariamente incompatíveis.

A pluralidade de saberes deve integrar esse debate. Conhecimentos indígenas, práticas religiosas e ciência biomédica partem de perguntas, linguagens e formas de validação que nem sempre coincidem. Reconhecer esse fato não significa equiparar automaticamente todos os enunciados, mas evitar que uma única perspectiva pretenda esgotar o significado cultural de uma tradição. O desafio ético reside em formular políticas proporcionais e investigações respeitosas, sem apropriação indevida de saberes e sem reduzir direitos culturais a resultados laboratoriais.

8. DISCUSSÃO INTEGRADA DAS EVIDÊNCIAS

A reunião dos estudos permite reconhecer três planos de conhecimento. O primeiro diz respeito à ação farmacológica dos alcaloides e às condições biológicas para a alteração de consciência. O segundo reúne indicadores clínicos e psicológicos mensurados, com resultados promissores, mas ainda insuficientes para

conclusões universais. O terceiro compreende o universo de significados, vínculos e narrativas dos participantes dos rituais. Essas dimensões podem dialogar, porém nenhuma delas substitui integralmente as demais. Um artigo sobre efeitos psicológicos precisa justamente evidenciar as relações e as fronteiras entre esses planos.

Os estudos controlados são especialmente importantes quando a questão é estabelecer se a substância produz mudanças que excedem as explicáveis pelo contexto e pelas expectativas. Palhano-Fontes *et al.* (2019) encontraram diferença favorável à ayahuasca em pessoas com depressão resistente, em condições clínicas determinadas. Já Uthaug *et al.* (2021), trabalhando em ambiente cerimonial e com outra população, observaram melhora de sintomas em grupos que receberam tanto ayahuasca quanto placebo. Os achados não são mutuamente excludentes: sinalizam que respostas psicológicas podem depender da interação entre farmacologia, características dos participantes e ambiente de uso.

Os levantamentos observacionais acrescentam amplitude de experiências, mas trazem limites próprios. Perkins *et al.* (2021) relacionam fatores cerimoniais e indicadores de bem-estar, enquanto Bouso *et al.* (2022) mostram que benefícios percebidos podem coexistir com efeitos físicos e psicológicos desconfortáveis. Em ambos os casos, dados produzidos por autorrelato exigem atenção à seleção dos participantes, à memória e à interpretação retrospectiva. O caráter internacional das amostras amplia a diversidade dos relatos, sem resolver a falta de controle causal inerente ao desenho transversal.

Também é necessário cuidado com o emprego da palavra “terapia”. Em tradições religiosas, ela pode ser mobilizada em sentidos espirituais e comunitários; em estudos clínicos, remete a intervenções avaliadas por critérios definidos; em relatos pessoais, pode significar alívio, reorganização de valores ou encontro de pertencimento. Sem distinguir esses usos, o texto acadêmico corre o risco de converter linguagem experiencial em afirmação clínica. A psicologia pode investigar todos esses sentidos, desde que esclareça quais são os dados efetivamente disponíveis para cada interpretação.

Outra questão é a temporalidade dos efeitos. Mudanças percebidas durante uma cerimônia, redução de sintomas na semana seguinte e transformações em hábitos ao longo dos anos são fenômenos diferentes. Uma revisão responsável não deve projetar resultados imediatos sobre períodos não avaliados. O acompanhamento longitudinal, a comparação com grupos adequados, a caracterização de possíveis eventos adversos e a escuta de pessoas que abandonaram as práticas são caminhos relevantes para tornar a produção científica menos dependente de narrativas exclusivamente positivas.

As lacunas identificadas também orientam a investigação futura em ambientes religiosos. São necessários estudos que descrevam com precisão o contexto sociocultural, as formas de acompanhamento, o histórico clínico dos participantes, os instrumentos empregados e o período de avaliação. Pesquisas qualitativas podem aprofundar os significados atribuídos às experiências; estudos longitudinais, por sua vez, podem examinar a persistência de mudanças. A articulação entre esses métodos ajudaria a compreender resultados

heterogêneos sem reduzir a complexidade do fenômeno a um único indicador.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida indica que o uso ritualístico da ayahuasca está associado, em parte da literatura, a experiências de introspecção, alterações perceptivas e relatos de mudanças emocionais. Ensaios clínicos e investigações neurofarmacológicas apresentam resultados que justificam aprofundar o estudo de possíveis aplicações em saúde mental, especialmente no campo dos sintomas depressivos.

Entretanto, a força dessas evidências varia conforme o desenho de pesquisa, a população examinada e o tempo de acompanhamento. Não é metodologicamente defensável tratar experiências subjetivas, observações em cultura celular e respostas clínicas como provas equivalentes de eficácia.

A pergunta que orientou o projeto de origem não admite resposta única. Os efeitos psicológicos descritos podem incluir bem-estar percebido, reavaliação de experiências pessoais e mudanças temporárias na percepção e na emoção, mas também ansiedade, confusão e outras reações indesejáveis. O contexto religioso constitui dimensão relevante para a forma como essas vivências são acolhidas e interpretadas, sem assegurar resultados positivos ou proteção universal. A compreensão das experiências depende do diálogo entre farmacologia, psicologia e estudos culturais, com atenção às diferenças entre tradições e participantes.

O principal limite deste artigo está na natureza narrativa de sua revisão, que não permite estimar a magnitude de efeitos, determinar

frequência populacional de eventos adversos ou estabelecer recomendações clínicas. O conhecimento disponível sustenta a continuidade de pesquisas controladas, avaliações de longo prazo e estudos qualitativos capazes de examinar o sentido das vivências em seus contextos próprios.

Para a psicologia, o compromisso ético consiste em reconhecer o valor das experiências relatadas sem apresentar uma substância como solução comprovada para o sofrimento psíquico. A ayahuasca permanece, assim, um objeto complexo de investigação e de debate público, que exige precisão científica e respeito à diversidade cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOUSO, José Carlos *et al.* Adverse effects of ayahuasca: results from the Global Ayahuasca Survey. **PLOS Global Public Health,** v. 2, n. 11, e0000438, 2022. DOI: https://doi.org/10.1371/journal.pgph.0000438. Acesso em: 2 ago. 2026.

BRASIL. Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas. **Resolução n. 1, de 25 de janeiro de 2010.** Dispõe sobre a observância, pelos órgãos da Administração Pública, das decisões do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD), sobre normas e procedimentos compatíveis com o uso religioso da ayahuasca e dos princípios deontológicos que o informam. Brasília, DF: CONAD, 2010. Disponível em: https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-protecao/politicas-sobre-drogas/subcapas-senad/conad/atos-do-conad. Acesso em: 2 ago. 2026.

BRITO-DA-COSTA, Andreia Machado *et al.* Toxicokinetics and toxicodynamics of ayahuasca alkaloids N,N-dimethyltryptamine

(DMT), harmine, harmaline and tetrahydroharmine: clinical and forensic impact. **Pharmaceuticals,** v. 13, n. 11, art. 334, 2020. DOI: https://doi.org/10.3390/ph13110334. Acesso em: 2 ago. 2026.

EGGER, Klemens *et al.* Neurobiological research on N,N-dimethyltryptamine (DMT) and its potentiation by monoamine oxidase (MAO) inhibition: from ayahuasca to synthetic combinations of DMT and MAO inhibitors. **Cellular and Molecular Life Sciences,** v. 81, art. 395, 2024. DOI: https://doi.org/10.1007/s00018-024-05353-6. Acesso em: 2 ago. 2026.

KATCHBORIAN-NETO, Albert *et al.* Neuroprotective potential of ayahuasca and untargeted metabolomics analyses: applicability to Parkinson's disease. **Journal of Ethnopharmacology,** v. 255, art. 112743, 2020. DOI: https://doi.org/10.1016/j.jep.2020.112743. Acesso em: 2 ago. 2026.

LABATE, Beatriz Caiuby *et al.* O relatório da DEA sobre os riscos da ayahuasca: a "ciência" a serviço do proibicionismo? **Ponto Urbe,** v. 32, n. 2, e225852, 2024. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.1981-3341.pontourbe.2024.225852. Acesso em: 2 ago. 2026.

OLIVIERI, Rodolfo Henrique. Forças estranhas: uma colaboração psicanalítica ao efeito visual da ayahuasca. 2024. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, 2024. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/21605. Acesso em: 2 ago. 2026.

PALHANO-FONTES, Fernanda *et al.* Rapid antidepressant effects of the psychedelic ayahuasca in treatment-resistant depression: a randomized placebo-controlled trial. **Psychological Medicine,** v. 49,

n. 4, p. 655-663, 2019. DOI: https://doi.org/10.1017/S0033291718001356. Acesso em: 2 ago. 2026.

PERKINS, Daniel *et al.* Influence of context and setting on the mental health and wellbeing outcomes of ayahuasca drinkers: results of a large international survey. **Frontiers in Pharmacology,** v. 12, art. 623979, 2021. DOI: https://doi.org/10.3389/fphar.2021.623979. Acesso em: 2 ago. 2026.

ROSSI, Giordano Novak *et al.* Molecular pathways of the therapeutic effects of ayahuasca, a botanical psychedelic and potential rapid-acting antidepressant. **Biomolecules,** v. 12, n. 11, art. 1618, 2022. DOI: https://doi.org/10.3390/biom12111618. Acesso em: 2 ago. 2026.

UNITED STATES. Supreme Court. Gonzales v. O Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, 546 U.S. 418. Washington, DC, 21 Feb. 2006. Disponível em: https://www.law.cornell.edu/supremecourt/text/04-1084. Acesso em: 2 ago. 2026.

UTHAUG, M. V. *et al.* A placebo-controlled study of the effects of ayahuasca, set and setting on mental health of participants in ayahuasca group retreats. **Psychopharmacology,** v. 238, p. 1899-1910, 2021. DOI: https://doi.org/10.1007/s00213-021-05817-8. Acesso em: 2 ago. 2026.

VIOL, A. *et al.* Física estatística aplicada à neurociência de estados alterados: o cérebro sob influência de psicodélicos. **Revista Brasileira de Ensino de Física,** v. 43, supl. 1, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/1806-9126-RBEF-2020-0440. Acesso em: 2 ago. 2026.

[1] Graduando do Curso em Psicologia da Faculdade Católica de Rondônia. Graduando em Psicanálise pelo Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail

[2] Docente do Curso Superior de Psicologia da Faculdade Católica de Rondônia. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail